

---

## O diagnóstico tardio de autismo em mulheres: Uma reflexão sobre gênero, comunicação e saúde<sup>1</sup>

Laís GIUPPONI<sup>2</sup>

Kátia LERNER<sup>3</sup>

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre questões de gênero, de discurso e de saúde em relatos de mulheres sobre terem recebido já na fase adulta o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Usando referências como Michel Foucault e Judith Butler, buscamos analisar os relatos a partir de uma análise de discurso de inspiração foucaultiana, pautado no conceito de raridade discursiva, onde nem tudo pode ser dito em qualquer tempo e espaço. Os relatos indicam que nomear o sofrimento constitui novo sentido para as mulheres, justificando as dificuldades vivenciadas e indicando a possibilidade de compreender melhor suas características pessoais e a si mesma. Contar sobre a experiência vivida também permite criar redes de apoio e auxiliar outras pessoas que possam estar passando por situações similares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transtorno do Espectro Autista; performatividade; *masking*; diagnóstico; comunicação.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, mulheres já em fase adulta têm tornado público terem recebido tardiamente o diagnóstico de autismo. Conforme consta na Classificação Internacional de Doenças (CID-11), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) possui incidência quatro vezes maior em meninos, geralmente diagnosticados na primeira infância ou em fase escolar.

Como Runswick-Cole (2016) achou relevante destacar, há alguns anos o autismo era algo aterrorizante, que se devia evitar, desviar ou nem apenas mencionar. Tratava-se de algo que era problema de um outro, e que não devia ser “cutucado”. Mais recentemente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Informação e Comunicação em Saúde pelo PPGICS/Fiocruz, com bolsa CAPES, email: [laisgiupponi@gmail.com](mailto:laisgiupponi@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Sociologia e Antropologia pela UFRJ, pesquisadora do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) da Fiocruz, email: [katia.lerner@icict.fiocruz.br](mailto:katia.lerner@icict.fiocruz.br).

---

a qualidade da informação sobre o autismo foi aprimorada, ainda que muito estigma permaneça presente, o número de profissionais especializados e terapias para proporcionar uma vida independente para essas pessoas também foi aprimorado. O autismo enquanto espectro também apresentou alargamentos em sua categoria, como a inclusão da Síndrome de Asperger no nível 1 do Transtorno do Espectro Autista.

Apesar do aumento de informações diagnósticas, é um fato que ainda que dentre uma incidência menor, ou baixo alcance diagnóstico, têm ocorrido que mulheres passam muito tempo de suas vidas sem compreenderem a si mesmas, e quando o diagnóstico vem, há uma mudança de compreensão sobre si que geralmente é relatada como transformadora para elas. Nesse aspecto, nos é interessante compreender a relação entre as tecnologias de gênero no controle de si e do corpo neurodiverso e como a comunicação desempenha papel terapêutico tanto na compreensão de si, quanto na constituição de comunidades, o que pode disseminar conhecimento e amparo para outras pessoas em situações similares.

Foram selecionados para a análise dois relatos publicados na plataforma Medium<sup>4</sup> e uma entrevista concedida à revista Glamour<sup>5</sup>. Como esta pesquisa se dá ainda na fase inicial do Doutorado, sem ter passado pela qualificação, foi necessário recorrer a relatos já expostos em âmbito virtual, visto que ainda não há o aval do Comitê de Ética para a realização de entrevistas. Percebemos que nas redes sociais muitas pessoas falam cotidianamente sobre suas experiências recentes com o diagnóstico tardio de autismo, mas optamos por analisar os três casos selecionados por se tratar de relatos extensos e detalhados sobre a experiência vivenciada.

## **RARIDADE DISCURSIVA**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi utilizada a análise de discurso de inspiração foucaultiana que parte do princípio da raridade discursiva, onde nem tudo pode

---

<sup>4</sup> Relato 1: Mulheres autistas e a diferença que o diagnóstico fez em minha vida. Disponível em: <https://medium.com/lado-m/mulheres-autistas-e-a-diferen%C3%A7a-que-o-diagn%C3%B3stico-fez-em-minha-vida-d391278ce8a2>. Acesso em 17 jul. 2022.

Relato 2: Diagnosticada com autismo aos 27 anos — porque isso importa. Disponível em: <https://medium.com/@mariliarochoa/diagnosticada-com-autismo-aos-27-anos-porque-isso-importa-f6b257c9da7a>. Acesso em 17 jul. 2022.

<sup>5</sup> Relato 3: Descubri que sou autista aos 28 anos e esse diagnóstico tardio fez com que a minha vida inteira fosse explicada. Disponível em: <https://glamour.globo.com/lifestyle/noticia/2022/04/descobri-que-sou-autista-aos-28-anos-e-esse-diagnostico-tardio-fez-com-que-a-minha-vida-inteira-fose-explicada.ghtml>. Acesso em 17 jul. 2022.

---

ser falado em qualquer tempo e lugar. De acordo com Foucault, o discurso precede o sujeito, podendo, inclusive dizer uma verdade para os sujeitos sobre eles mesmos. O discurso pode então produzir diferentes tipos de subjetividade. É interessante observar os enunciados considerados verdadeiros em determinadas épocas, a partir dos regimes de verdade em vigência, e investigar como influenciam os sujeitos de forma a engendrar determinadas formas de viver (ALVES; PIZZI, 2014). Os dispositivos morais incitam as pessoas a falarem de determinado modo sobre suas realidades e seus sofrimentos.

A raridade discursiva está atrelada aos saberes e formas de dizer de cada momento histórico em particular. As coisas, portanto, são caracterizadas por seu estado. As coisas não são, elas estão. Não se pode confundir com a realidade que já está posta no momento, porque ela é temporária. As coisas não vêm do nada. A totalidade da história humana é uma abertura de acontecimentos e de possibilidades. Tudo é inventado, não há nada pré-determinado. Decorrem de forças que se organizam para que determinados eventos aconteçam e se apresentem. Como Foucault (2017) colocou, a composição da subjetividade se dá por meio de regimes de verdade constituídos a partir das práticas sociais comuns a cada época, que ao formarem um dispositivo de poder-saber marcam o que não existe no real e o apresenta a uma diferenciação entre o que vai ser tido como o verdadeiro e o que vai ser o falso, o que vai ser bom e o que vai ser ruim.

Compreender que hoje é possível se pensar no diagnóstico de autismo em adultos já socializados, com famílias formadas, vai muito além do que as pesquisas iniciais de Hans Asperger buscavam entender nos anos de 1940 e 1950 (SHEFFER, 2018). Por esse motivo, é particular compreender o que se é produzido discursivamente sobre a experiências desses diagnósticos e como esse tipo de comunicação é particular ao nosso regime de verdade contemporâneo.

## **O DIAGNÓSTICO TARDIO**

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, descrito como déficits persistentes nas habilidades de comunicação e interação sociais, e por padrões de comportamentos "restritos, repetitivos e inflexíveis, interesses ou atividades que são claramente atípicas ou excessivas para a idade do indivíduo e seu contexto sociocultural" (OMS, 2022). Os prejuízos para os indivíduos se dão em diversas funcionalidades do desenvolvimento, sejam elas cognitivas ou sociais.

---

Muitos autistas podem se adequar a diferentes contextos sociais com grande esforço para se ajustar, podendo até não ter seus sintomas percebidos e, portanto, diagnosticados, deixando essa ausência de sentido para as dificuldades vivenciadas. Um fenômeno que muito se tem discutido é o “*masking*”, podendo ser compreendido como uma “máscara social”, trata-se do uso de estratégias, conscientes ou não, para esconder ou desviar de suas diferenças autísticas ou das situações que precisam lidar por tê-las (SEDGWICK; HULL; ELLIS, 2021).

O *masking* muitas vezes pode ser desenvolvido de forma inconsciente, quando o indivíduo autista evita e mascara determinado comportamento por ser estigmatizado ou indesejado por aqueles não-autistas. Tais comportamentos os adequam a comportamentos sociais normalizados como formas de interação sociais cotidianas, como apertos de mão, olhar nos olhos do outro, falar com certas entonações, filtrar coisas que podem ser ditas em determinados ambientes etc. Ainda que tal atitude não seja desejada pelo autista, ele compreende que fingir aquele comportamento é necessário para a convivência em coletivo.

Como as autoras Sedgewick, Hull e Ellis (2021) destacaram, as consequências do *masking* são várias e atingem a pessoas autistas de maneiras diferentes do que a uma pessoa não-autista que possa também fingir comportamentos sociais em determinadas circunstâncias. Além de consequentemente fornecer uma dificuldade para diagnosticar aqueles que nunca obtiveram o laudo médico de autismo, o *masking* também provê uma carga de estresse excessiva para os autistas, como também confunde a percepção de si a ponto de prejudicar a compreensão de qual seria a real atitude espontânea frente a tais situações. Mascaram essas habilidades sociais também pode não se dar de maneira plena, sendo difícil manter interações sociais por períodos extensos.

O *masking* é um dos fatores que pode levar a um diagnóstico tardio, visto que a pessoa autista possa parecer dotada de habilidades sociais desenvolvidas. A baixa incidência e poucos especialistas com habilidade de reconhecer o autismo em mulheres também dificulta o diagnóstico precoce. Muitos dos estudos precursores sobre o autismo focavam nas particularidades masculinas, o que levou a uma vacância sobre como o transtorno se manifesta em mulheres. Um ponto muito relevante nesse aspecto é identificar o impacto que os dispositivos de gênero impõem no comportamento feminino ao ponto de influenciar a percepção do autismo. Rodgaard e colaboradores (2021) citam ainda que a incidência de um QI (Quociente de Inteligência) alto pode influenciar no

---

processo diagnóstico, levando aqueles com altas habilidades a não terem seus sintomas percebidos enquanto tal.

O diagnóstico tardio também pode estar envolto de questões socioeconômicas, principalmente em regiões com baixo acesso a saúde, ou com populações sem conhecimento sobre transtornos do neurodesenvolvimento. Seja qual for o fator que dificulte o acesso ao laudo, as consequências do diagnóstico tardio podem impactar toda uma vida ao influenciar o desenvolvimento do indivíduo sem o auxílio de terapias e especialistas direcionados para suas particularidades.

Buscando destrinchar um pouco dos relatos selecionados, cabe aqui um pequeno resumo sobre o que é dito da experiência vivenciada por cada uma dessas mulheres com o diagnóstico tardio.

No Relato 1, Thais narra seu choque com o diagnóstico. Como muitas mulheres adultas que descobrem tardiamente seu quadro de autismo, Thais percebeu o seu a partir do diagnóstico recebido pelo seu filho. Ao pensar sobre o passado, ela reconhece que passou a vida mascarando suas particularidades, e percebe que poderia ter tido uma vida mais tranquila, evitando contextos que a fizeram se sentir mal, como situações em que sofreu *bullying*. Com o diagnóstico, ela sente que há uma certa liberdade das cobranças sociais que não se aplicam aos neurodivergentes. Ela reconhece que descobriu bastante tarde sobre seu autismo, mas espera que com seu relato outras pessoas possam se atentar aos sintomas mais precocemente.

No Relato 2, Marília conta que descobriu seu autismo a partir de diversos diagnósticos de problemas psicológicos, que podem atravessar quadros de autismo. Marília também conta que sofreu *bullying* e por isso aprendeu a usar o *masking* e a fingir que tudo estava bem. Ela conta sobre as suas particularidades autistas e suspeita que elas nunca foram notadas enquanto tal por ter sido uma criança que não deu trabalho aos outros. Ela nunca esteve tão bem quanto se encontra agora, se conhecendo melhor e sabendo lidar e se preparar de maneira adequada para situações que possam causar algum desconforto.

No Relato 3, Jéssica conta que possuía dificuldades na rotina escolar, se sentindo inadequada naquele espaço. Ela também reconhece que foi necessário utilizar o *masking* ao longo de sua vida. Jéssica também descobriu o seu autismo a partir do diagnóstico de seu filho, que ela suspeitou dos sintomas e foi atrás de compreender melhor. Ela cita ainda como a novela “Amor à Vida” foi importante para que ela tomasse conhecimento do

---

transtorno e refletisse sobre o comportamento do filho, a partir da personagem Linda, interpretada pela atriz Bruna Linzmeyer. Após o diagnóstico, ela encontrou sentido para o que viveu e ainda se encontrou como ativista da causa.

## **GÊNERO E CONTROLE**

Refletir sobre questões de gênero envolve pensar em construções sociais de diferenciação, sejam elas ligadas à biologia do corpo, a um “instinto” pré-determinado ou a funções sociais que em algum momento foram assumidas como inerentes a feminino e a masculino. Como por exemplo, homens sendo mais agressivos, afirmativos e dispostos para a caça e para prover sustento da família, e mulheres como sendo seres contidos, maternais, sensíveis e dispostas a cuidar do lar. O estudo do gênero envolve pensar nessas funções sociais e nas relações de poder que a elas são atreladas.

O sistema sexo/gênero, como foi proposto por Rubin (1993), previa essa transição entre a construção de um corpo natural para um objeto da cultura, essa passagem domesticava mulheres ao tornar o biológico uma função cultural para satisfazer os anseios de tal cultura. Esses sistemas são mutáveis e se adequam às normas culturais de cada sociedade ao longo do tempo, ditando comportamentos e forçando seus integrantes a se adequarem a papéis sociais determinados. Porém, como Piscitelli (2009) organizou ao traçar a trajetória do conceito de gênero, pensar esse sistema como uma relação entre dominador e dominado, não dá conta da fluidez e multiplicidade do poder, deixando a realidade feminina sem plena representação em suas diferentes possibilidades.

Ao tratar sobre o poder recorreremos a abordagem de Foucault (2014), quando definiu sobre o poder no modelo pestífero, aquele que substituiu o modelo da lepra, em suas palavras o autor coloca que o poder possui reação positiva porque “é uma reação de inclusão, de observação, de formação de saber, de multiplicação de efeitos de poder a partir do acúmulo da observação e do saber” (Ibidem, p. 59).

O século XVIII implantou, portanto, uma nova “arte de governar”, ao que Foucault descreve governo como o governo dos outros. Com um novo aparelho do Estado e novas instituições, com novos dispositivos de poder, se buscou “normalizar” a população em uma organização disciplinar. A norma age pela ação positiva do poder, tem função de inclusão e transformação, visa o poder e o saber. Ela é positiva porque permite e produz o conhecimento tanto de si quanto do outro.

---

A descrição feita pelo autor sobre a alteração de paradigma não busca julgamento de avanço ou progresso, mas sim detalhar uma mudança que é importantíssima para se pensar os mecanismos e o exercício do poder nas cidades. O termo “positivo” é utilizado, na maneira foucaultiana, não para estabelecer uma relação entre melhor e pior, ou bom e ruim, mas sim para demarcar a produção de saber, de conhecimento, que aquele exercício do poder permite produzir. Trata sobre um potencial de produção que está atrelado à mudança.

Ao falar sobre o sexo, Foucault (1988) descreveu que ainda que fosse um assunto proibido de ser dito, pois era restrito aos lares conjugais, dentro das leis e normas vigentes, ele estava sendo incitado a ser dito em diferentes momentos e espaços, principalmente para que os sujeitos voltassem seus olhos para si, ao minuciosamente julgarem suas próprias práticas, como pela da culpa e pelo controle sobre seu próprio desejo. É o exercício do poder sobre a constituição de si. O poder não é hierárquico entre um dominado e um dominante, mas ele se move pelas estruturas sociais e sua fluidez o permite que os sujeitos o apliquem ainda sobre si mesmos. Nesse aspecto, cabe a relação entre o *masking* e a supressão de si, como o controle do próprio corpo autista para a adequação social.

Foucault não se aprofundou a pensar o gênero em específico, apesar de ter tratado da questão da sexualidade. Lauretis (1994) propôs a conceituação do gênero a partir de uma abordagem foucaultiana, o pensando a partir das tecnologias sexuais. Dessa forma, para a autora, gênero pode ser pensado como um produto de diferentes tecnologias sexuais, não sendo algo que está diretamente apropriado aos corpos ou a natureza humana, mas a algo que neles é produzido.

Butler (2003) foi além ao questionar o sistema sexo/gênero, com o sexo sendo ligado ao biológico e o gênero a algo socialmente construído, como se fossem concepções independentes entre si e rígidas. A autora trabalha fortemente no que trata da ideia de que a identificação com a categoria “mulheres” seria algo comum a todas, uma identidade comum, e que todas seriam oprimidas pelo patriarcado de maneira similar. Butler ainda destacou o gênero como sendo performativamente construído, ou seja, não é algo em si e não se trata de atributos socialmente flutuantes, mas é produzido e imposto por práticas reguladoras. Não há uma identidade anterior ao gênero, esses sentidos são performativamente produzidos e expressos. Composto por atos intencionais, o gênero busca estabilizar essa categoria para além do social ou cultural. Cabe aqui compreender

---

o gênero como efeito, com características que são expressas e não são inerentes ao sujeito, mas se referem a atuações de como se espera que o integrante de tal gênero aja.

Tecnologias de gênero podem ser percebidas em produtos midiáticos, como novelas, filmes, músicas e livros, e em outros produtos direcionados ao consumo em geral. Elas são exemplificativas das normas vigentes, e mostram como tal indivíduo deve performar. As tecnologias de gênero se usam, portanto, de dispositivos que produzem subjetividades que vão atuar em favor das performatividades de gênero que serão requisitadas. Se trata de um roteiro de comportamentos, modos de ser e representações a serem seguidos. Zanello (2018) vai além do proposto por Butler, ao colocar que gênero, para além da performatividade, se pauta em uma emocionalidade também construída por processos de subjetivação. A diferença estaria no fato de que a emocionalidade, por estar tão introjetada no sujeito, levaria maior tempo e esforço para ser desconstruída.

Retornando ao tema do autismo, uma das hipóteses sobre porque o diagnóstico tardio afeta principalmente mulheres é que o *masking* se somaria às tecnologias de gênero, influenciando seus comportamentos em situações sociais e na maneira com que a comunicação dessas mulheres se daria na infância e juventude. No Relato 1, Thais se indigna sobre como o comportamento quieto é tido como valoroso em meninas, sendo algo visto como positivo nessas crianças e não como um possível sintoma de autismo. No Relato 2, Marília cita como era uma criança quieta durante o período escolar, e por isso chamava pouca atenção. No Relato 3, Jéssica reconhece que ser mulher na nossa sociedade está envolto de questões comportamentais sobre o que é, ou não, permitido fazer. Ainda que não se tenha como afirmar os motivos que levam ao diagnóstico tardio, os três relatos são unânimes: as três mulheres conseguiram desenvolver suas habilidades sociais por meio do *masking* e por serem mulheres e precisarem se comportar de acordo com o que era adequado pelas convenções sociais. Não é aceitável para meninas se comportarem explosivamente, como é para os meninos.

Os produtos midiáticos, entretanto, podem desempenhar papéis diversos. Educando não apenas para o comportamento, mas também como para questões de saúde, como foi o caso da personagem Linda, atuada por Bruna Linzmeyer na novela “Amor à Vida” de Walcyr Carrasco, como foi citado por Jéssica no Relato 3. Na trama, a personagem que é autista, passa por terapias e tratamentos e desenvolve maior autonomia e independência para transitar no convívio social para além das relações familiares.



---

Ehrenberg (2010) elaborou que a mídia é responsável por formular conceitos que expliquem a vida interior do sujeito, criando assim uma gramática da vida interior, auxiliando na construção do pensamento sobre si. Para além de questões sobre performance de gênero, a mídia tem potencial de exibir a performance autística, atentando então familiares e redes de apoio e de convivência, a perceber comportamentos que podem indicar sintomas em crianças e jovens, evitando que exista a lacuna de diagnóstico.

## **COMUNICAÇÃO E REDES DE APOIO**

Compreender a comunicação apenas como mídia, ou como estudo de um produto de mídia, reduz seu potencial de alcançar saberes. Como Sodré (2014) definiu, comunicação se refere a uma “ação do comum”, ou uma “ação do real”, ela promove vínculos, trocas, produz comunidade, é aquilo que compartilhamos entre nós, por exemplo. O comum significa o mesmo que “ser”, sendo, portanto, a relação com o comum uma condição essencialmente humana. Nesse aspecto, o autor reforça a necessidade do campo da comunicação se concentrar na compreensão de fenômenos, e não na previsão, porque aí estaria implicado que seria possível intervir neles. Compreender as ações do comum não envolve prever, intervir ou limitar uma série de práticas, está mais ligada a uma possibilidade de se pensar a condição humana enquanto sujeitos que dividem algo entre si. É nesse compartilhamento de um comum que os estudos em comunicação podem também se focar.

Um ponto muito relevante ao pensar esses relatos postados sobre a experiência vivenciada com o diagnóstico tardio é a dimensão terapêutica do testemunho e sua dinâmica de contágio, isto é, seu potencial de alcançar outras pessoas em situações similares, ou com algum tipo de curiosidade e interesse no tópico, o que permite que outras pessoas se identifiquem e repensem suas vivências, questionando aquilo que é normalizado na sociedade e buscando por auxílio profissional para compreender a si mesmo. A exposição do sofrimento no espaço público, o ato de falar sobre sua superação, e desta maneira ajudar outras pessoas, auxiliam no processo de cura, como sugerem Lerner e Vaz (2017) em seu trabalho sobre testemunhos de sobreviventes do câncer. Como também aparece nos três relatos selecionados, todas essas mulheres passaram a se compreender melhor quando entraram em contato com outras pessoas em situação

---

semelhante e com informações sobre a ocorrência do diagnóstico de autismo na fase adulta, promovendo uma melhor aceitação e entendimento sobre si.

Como Leedham e colaboradores (2020) reconheceram em sua pesquisa com mulheres adultas recém-diagnosticadas com o TEA, a conexão com outros autistas, especialmente entrar em contato com grupos de autistas adultos, auxiliou o processo de aceitação desse novo quadro diagnóstico. Principalmente quando a imagem que se tinha de si era negativa, ditada pela perspectiva de outros, a partir da conexão com semelhantes se dá abertura para um novo olhar para si.

No Relato 3, Jéssica que se viu na posição de ativismo, tanto por ter um filho autista, tanto por seu próprio quadro de autismo, declara que: “O principal papel da sociedade é pensar de forma coletiva. Que todos possam se reconhecer como parte dela, como parte de uma estrutura que foi feita para excluir corpos por serem quem são”. O pensar coletivo e buscar a participação social para pessoas neurodivergentes produz uma comunidade de pessoas que se atrelam a essas ideias e dão sentido para suas indignações, buscando mudanças e apoio em seus anseios. O fazer coletivo, para além de uma troca e compartilhamento de um comum, representa força política na luta por melhores condições de assistência, não reduzindo os problemas enfrentados a questões meramente individuais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É quando Thais fala, no Relato 1, que “sempre foi difícil, só que agora eu sei o que acontece”, que podemos compreender a manifestação transformadora da informação, do conhecimento e do saber. Quando a informação está presente e em circulação pelas redes, é possível se apropriar, agregar e produzir novos saberes. Ainda que o conhecimento de Thais tenha se iniciado a partir de laudo médico, sua produção discursiva inicia uma nova cadeia de produção de sentidos, principalmente por sua vontade de fazer com que outras pessoas também pensem seus sintomas, de preferência mais precocemente do que ela teve acesso.

Neste mesmo caminho, Marília expõe no Relato 2, que “nunca ninguém soube das minhas dificuldades e eu sequer sabia dar um nome a elas”; e que “é muito bom saber como meu cérebro funciona”. É notável como nomear a experiência configura um novo regime de causalidade, modificando as experiências vividas e agregando novos sentidos,

---

como compreensão onde antes havia culpa ou vergonha. O próprio Foucault (2013) reforçou que o enunciado não designa algo repleto em si, mas uma condição de possibilidade de dar sentido a algo que está sendo nomeado. Nomear o autismo enquanto tal, dá sentido ao sofrimento experienciado pela pessoa e cria a possibilidade de tratamento, aceitação e compreensão de si, para além meramente do controle e repressão que o não-saber proporcionava.

Nos relatos foi visível a percepção das mulheres autistas sobre os impactos que a performatividade do gênero possui nos comportamentos normativos que precisam ser seguidos tanto na infância, quanto na fase adulta. No Relato 1, Thais conta que sempre comunica sobre ser autista, principalmente em situações como a relatada: “Eu falo 3 idiomas e aprendo mais um, mas eu travo em coisas simples, como chorar se eu não encontro algo que deveria estar no local ou se não entendo determinada lição”. Para uma mulher adulta, chorar em algumas situações pode transmitir uma mensagem de fraqueza, sensibilidade extrema ou infantilidade, por isso se percebe a necessidade que Thais tem em revelar que se trata de uma característica autística sua, para não ser relegada a essas fragilidades comumente atreladas ao gênero apenas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, J. M. D.; PIZZI, L. C. V. Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados: Pesquisar subjetividades nas escolas. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 81-94, jan/jun. 2014.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- EHRENBERG, A. **The Weariness of the Self: Diagnosing the History of Depression in the Contemporary Age**. Quebec: McGill-Queen's University Press, 2010.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, M. **História da Loucura: na idade clássica**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, H. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LEEDHAM, A.; THOMPSON, A. R.; SMITH, R.; FREETH, M. 'I was exhausted trying to figure it out': The experiences of females receiving an autism diagnosis in middle to late adulthood. **Autism**, Califórnia, v. 24, n. 1, p. 135-146, 2020.
- LERNER, K.; VAZ, P. "Minha história de superação": sofrimento, testemunho e práticas terapêuticas em narrativas de câncer. **Interface**, Botucatu, v. 21, n.61, p. 153-63, 2017.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Transtorno do Espectro Autista**. In: Classificação Internacional de Doenças 11ª revisão. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l1-m/en#/http://id.who.int/icd/entity/437815624>. Acesso em 07 jul 2022.
- PISCITELLI, A. Gênero: A história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009, p. 116-148.
- RODGAARD, E. M.; JENSEN, K.; MISKOWIAK, K. W.; MOTTRON, L. Childhood diagnoses in individuals identified as autistics in adulthood. **Molecular Autism**, Londres, v. 12, n. 73, 2021.
- RUBIN, G. **O tráfico de mulheres: Notas sobre a "economia política" do sexo**. Recife: Editora SOS Corpo, 1993.
- RUNSWICK-COLE, K. Understanding this thing called autism. In: RUNSWICK-COLE, K.; MALLETT, R. & TIMIMI, S. (eds.). **Re-Thinking Autism: Diagnosis, Identity and Equality**. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2016.
- SEDGEWICK, F.; HULL, L.; ELLIS, H. **Autism and Masking: How and why people do it, and the impact it can have**. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2021.

---

SHEFFER, E. **Asperger's Children: The Origins of Autism in Nazi Vienna**. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, 2018.

SODRÉ, M. **A Ciência do Comum: Notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.